

VII Congresso da Associação de Demografia Histórica

SESSÃO 24 "Sócio-demografia da mina: populações mineiras,
séculos XIX-XX"

Córdova, 1 a 3 de Abril de 2004

**Recrutamento, mobilidade e demografia em São
Domingos (1860-1900)**

Por

Paulo Eduardo Guimarães

Departamento de História
Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades
Universidade de Évora

e-mail: peg@uevora.pt

- Texto provisório -

Versão 0.0

Resumo:

Esta comunicação tenta surpreender os traços essenciais da demografia mineira de São Domingos, fundamentalmente a partir da análise dos dados oficiais publicados e dos registos paroquiais das freguesias de Santana de Cambas e da Corte Pinto (concelho de Mértola). A questão essencial que esteve por detrás desta sondagem é a de saber em que medida o novo ecossistema social afectou o comportamento demográfico da população. Partindo do estudo do recrutamento dos trabalhadores mineiros, a análise distingue duas fases na vida da comunidade mineira no período balizado pelo início da exploração e o início do século XX: o primeiro, desde o início da exploração até 1866-1868; e o segundo, a partir dessa altura, quando se desenvolve a exploração a céu aberto (corta) combinada com a valorização dos minérios pobres em tanques de cementação.

Palavras-chave: trabalhadores mineiros, demografia social (século XIX)

- Portugal.

1. Introdução

O arranque da exploração mineira em São Domingos, no concelho de Mértola (Baixo Alentejo), em 1858, marcou o início de um novo ciclo de mineração em toda a região transtagana que iria perdurar até ao início da década de 1880. Graças à abertura proporcionada pela legislação liberal de 1850-1853, desenvolvem-se projectos mineiros por todo o Alentejo para o arranque e aproveitamento de minérios de cobre, ferro e manganês tendo em vista a sua exportação para a economia-mundo britânica. Apesar dos vestígios de mineração que testemunhavam antigas lavras, até essa altura não havia na região uma *tradição mineira* que tivesse dado lugar à formação de competências humanas que se desenvolveram ao longo dessa actividade. Não só a falta de capitais mas também a falta de *mineiros* e de gente capaz de dirigir os trabalhos mineiros foram tidos pelos observadores contemporâneos como responsáveis para a situação de atraso em que se encontravam a actividade. Este desenvolvimento suscitou assim uma procura de mão-de-obra numa região marcada por baixas densidades de ocupação do solo, numa altura em que também as obras públicas e, em particular, a construção de estradas e de caminhos-de-ferro concorriam para o aumento dessa procura. Ao contrário do que sucedeu em contextos coloniais, em que o recurso à contratação forçada foi uma prática corrente, aqui foram essencialmente os mecanismos de mercado inerentes à captação de mão-de-obra livre que actuaram no processo de recrutamento. Como constataram os contemporâneos, com os capitais estrangeiros vieram igualmente, técnicos, operários e mineiros estrangeiros que enquadraram o recrutamento de trabalhadores. O desenvolvimento mineiro foi assim responsável por processos de mobilidade geográfica que entrosaram noutros, anteriores, que marcavam a vida rural pautada pela actividade das grandes explorações agrícolas. Ao longo do século XIX e até meados do século XX, ranchos de algarvios, os *ratinhos*, e de beirões demandavam periodicamente o Alentejo nos picos do trabalho agrícola, concorrendo no mercado de trabalho com a população proletária do sul. Neste contexto, as explorações mineiras constituíam uma oportunidade de trabalho, porém,

limitada pela dureza e pelos riscos físicos envolvidos que repugnavam os trabalhadores rurais. A maior parte das explorações não chegaram a ter uma escala e duração temporal que desse lugar à formação de comunidades mineiras, constituindo sobretudo um espaço de trabalho que marcou a experiência de muitos trabalhadores. Deste modo, uma análise demográfica ao universo mineiro não pode deixar de equacionar os processos de recrutamento e de mobilidade sócio-geográfica bem como a configuração dos processos de dependência e de *enraizamento* dos trabalhadores.

Até à década de 1930, quando se desenvolve a exploração das minas de volfrâmio na Panasqueira e de carvão na Bacia Dourinense, São Domingos foi a maior exploração mineira portuguesa, ocupando directamente sempre mais de um milhar de trabalhadores até ao seu encerramento em 1965. Depressa se formou em torno da mina uma comunidade formada por trabalhadores mineiros, artesãos, operários, empregados, técnicos e dirigentes ingleses aos quais se associaram comerciantes, tendeiros e marítimos. Esta comunidade, contudo, não teve sempre as mesmas características, nem se constituiu de uma vez para sempre. Tão pouco se circunscreveu à aldeia arquitectada pela direcção da sociedade britânica, a Mason & Barry L.ted. Como noutra local já tínhamos evidenciado, muitos dos trabalhadores optavam por residir nas aldeias limítrofes, sendo notável o movimento pendular a caminho da exploração por ranchos de homens. Por outro lado, a necessidade de diminuir os custos de transporte e portuários levaram a empresa a construir um caminho-de-ferro e o porto fluvial do Pomarão, desenvolvendo-se aí uma pequena povoação. Enfim, a exploração mineira reordenou em dois momentos o espaço e a paisagem natural e humana.

Esta comunicação procura surpreender os traços essenciais da demografia mineira de São Domingos, fundamentalmente a partir da análise dos dados oficiais publicados e dos registos paroquiais das freguesias de Santana de Cambas e da Corte Pinto. A questão essencial que esteve por detrás desta sondagem é a de saber em que medida o novo ecossistema social afectou o comportamento demográfico da população. A análise distinguirá duas fases no

período balizado pelo início da exploração e o início do século XX: o primeiro, desde o início da exploração até 1866-1868; e o segundo, a partir dessa altura, quando se desenvolve a exploração a céu aberto (corta) combinada com a valorização dos minérios pobres em tanques de cementação (a então chamada hidro-metalúrgia).

2. Traços gerais da população de São Domingos e sua evolução

O arranque da exploração mineira em São Domingos atraiu muito mais gente do que o número médio de trabalhadores directos registado pelos empregadores sugere. O censo paroquial de 1862 aponta para mais de duas mil pessoas na freguesia de Santana de Cambas, onde se localizava a mina, quando o número de trabalhadores, em média por dia, não ultrapassava as seis centenas. Dois anos depois, quando os arranques ultrapassavam as 100 mil toneladas métricas anuais, o censo registava mais 2.700 indivíduos na freguesia. O censo realizado quinze anos depois revela ainda um incremento de mais mil indivíduos, em Santana de Cambas e na Corte Pinto, as duas freguesias debaixo da influência directa da exploração¹. Nas primeiras décadas, o incremento nos arranques de minério corresponde assim ao aumento da população recenseada. Contudo, esse aumento de meio milhar de indivíduos registado no concelho entre 1864 e 1878 é desigual e sugere alguma mobilidade no seu interior. Na freguesia da vila de Mértola a população diminui ligeiramente, facto que não deixa de indiciar a marginalização daquele pequeno centro administrativo e comercial face ao desenvolvimento mineiro. É também significativo o facto da população das freguesias mineiras crescer menos do que as restantes freguesias rurais

¹ A diminuição em 1.700 indivíduos na freguesia de Santana de Cambas entre 1864 e 1878 ficou a dever-se ao facto de a povoação mineira, até aí localizada no termo da freguesia, ter passado para a vizinha Corte Pinto, onde se manteve até hoje. O grande aumento registado em 1878 fica-se a dever, pois, a esse reordenamento administrativo.

(+10 contra +29 em média, por ano) apesar dos arranques terem ultrapassado o patamar das 200 mil toneladas anuais.

Tabela 1. Evolução da população presente nas freguesias de Santa de Cambas, Corte Pinto e Mértola (1862-1960).

Freguesia	1862	1864	1878	1890	1900	1911	1940	1960
S. Cambas	2.005	4.730	3.062	3.859	3.685	4.134	4.912	4.268
C. Pinto	523	597	2.402	3.645	3.299	4.902	5.597	5.571
Mértola	3.248	3.352	3.289	3.657	3.873	4.729	6.936	5.682
Concelho	12.333	15.653	16.136	18.847	18.576	22.305	28.648	23.023

Fontes: Censos da população e censo paroquial (1862).

Entre 1878 e 1890, a responsabilidade pelo aumento demográfico no concelho coube sobretudo às freguesias mineiras que registaram um acréscimo de mais duas mil almas. Neste período, a exploração atinge os maiores picos de produção de sempre, ultrapassando em alguns anos a marca das 400 mil toneladas métricas. O censo de 1900, porém, registou um balanço negativo de mais de meio milhar de almas, facto que acompanhou um declínio contínuo na extracção, a qual cai de forma continuada desde 1892 das 300 para as 100 mil toneladas. O concelho acusa de igual modo essa diminuição de gente. A retoma dá-se na década seguinte com um incremento médio anual de 186 indivíduos nas duas freguesias mineiras, um valor muito superior ao registado na vila (+78) e nas freguesias rurais (+74,6).

Desde o início da I Guerra Mundial que os ritmos de extracção não voltariam a atingir os níveis registados anteriormente. Apesar disso e das fortes flutuações na produção verificadas até à II Guerra Mundial, a população mineira aumenta continuamente, embora de forma menos pronunciada do que a registada nas freguesias rurais. Em todo o caso, o sobrepovoamento rural acompanhou o sobrepovoamento mineiro. Até à década de 1950, quando começaram as saídas, as populações viveriam momentos dramáticos nos momentos de queda de produção.

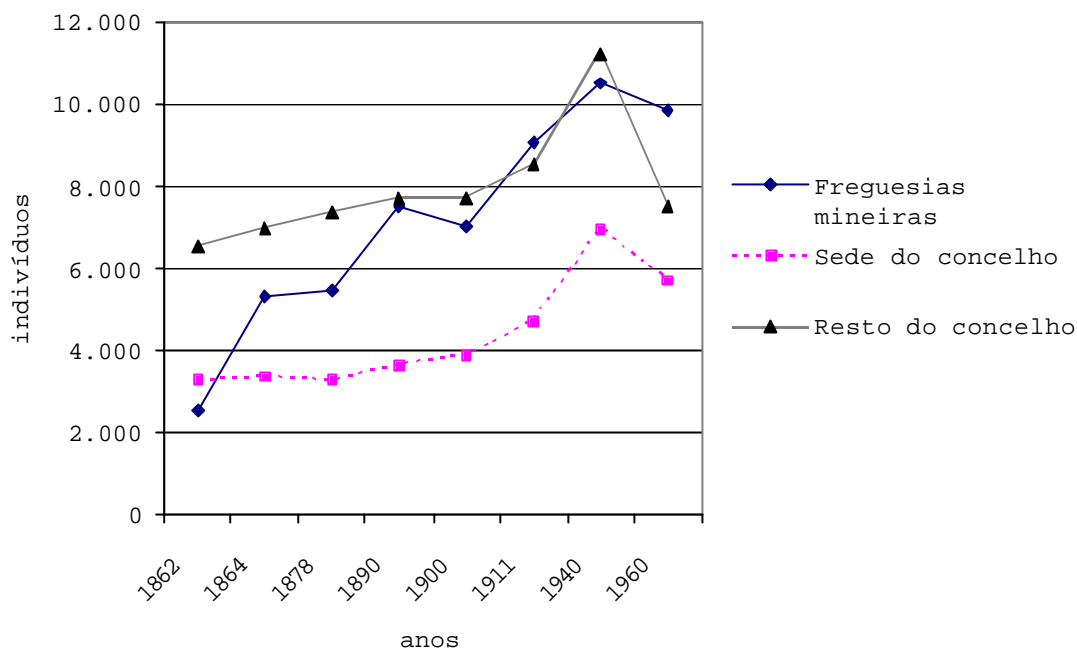


Figura 1. Evolução da população no concelho de Mértola (1862-1860)

Fonte: tabela 1.

Duas ordens de factores contribuem para explicar a presença nas freguesias mineiras de um número muito mais elevado de efectivos relativamente ao volume de emprego oferecido pela Mason & Barry L.ted. A prática da sociedade oferecer trabalho a quem quer que se apresentasse ao serviço e a irregularidade na prestação do trabalho por parte dos assalariados contribuía para a manutenção dum verdadeira reserva permanente de mão-de-obra que não deixava de actuar sobre os salários praticados e as condições de trabalho oferecidas. Tal política de permanente "porta aberta" que as autoridades assinalavam com preocupação por razões de ordem pública, foi ainda referenciada pelo escritor Ferreira de Castro nos anos '30 do século XX, num momento de aguda crise de trabalho. Em segundo lugar, muitos dos trabalhadores migrantes vinham acompanhados de mulher e filhos, ou de filhos e parentes mais novos prontos a ingressar neste espaço laboral.

Este facto conduz-nos ao segundo traço permanente do povoamento mineiro: o forte desequilíbrio sexual da sua

população. Nas freguesias mineiras o número de homens para cada cem mulheres entre o censo de 1864 e o de 1900 foi, respectivamente, de 146, 153, 178 e 127, quando no resto do concelho esses números foram 107, 96, 76 e 81 (figura 2). Se nos limitarmos à área do povoado mineiro, temos respectivamente 175, 172, 202 e 128 homens para cada 100 mulheres. Ou seja, aos elevados índices de masculinidade nas freguesias mineiras corresponde a predominância de mulheres nos espaços rurais vizinhos.

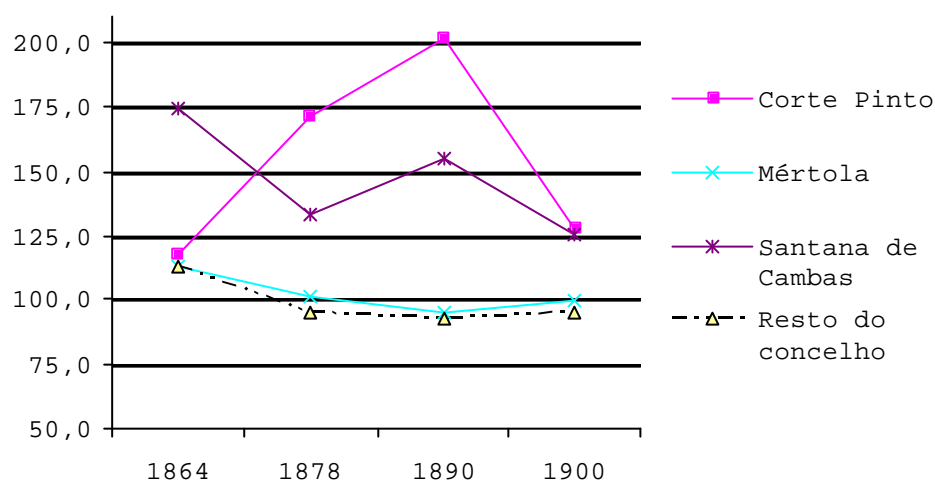


Figura 2. Número de homens para cada cem mulheres nas freguesias do concelho de Mértola (1864-1900)

Fontes: Censos da população.

Essa desigualdade espacial na relação entre os sexos é ainda mais acentuada quando consideramos apenas os solteiros, como atesta a sua distribuição pelas freguesias de Mértola (tabela 2). Tal configuração sugere um recrutamento predominantemente nas freguesias vizinhas, ou a adopção dum padrão de residência distinto do espaço laboral.

Apesar da mina se constituir como um espaço de trabalho masculino, a comunidade estabilizou-se pela permanência de núcleos familiares. O censo de 1890 revela que 70,5 % da população da Corte Pinto e 81,6 % de Santana de Cambas era natural do concelho e o número de estrangeiros não representavam mais do que 3,7 e 1,1 % respectivamente, do total dos indivíduos presentes na altura (tabela 3).

Tabela 2. Número de homens solteiros por cada cem mulheres solteiras no concelho de Mértola (1877-1900)

Freguesias	1878	1890
Alcaria Ruiva	117,3	114,0
Corte Pinto	206,0	229,3
Espirito Santo	106,9	127,7
Mértola	110,3	106,1
Santana de Cambas	122,0	181,5
São João dos Caldeireiros	88,5	48,4
São Miguel do Pinheiro	87,8	86,2
São Pedro de Solis	94,7	113,5
São Sebastião dos Carros	120,0	120,2
Via Glória	119,2	83,7

Fontes: Censos da população de 1878 e de 1890.

Tabela 3. Naturalidade da população presente no concelho de Mértola em 1890

Freguesias	Concelho	Distrito	País	Estrangeiros
Corte Pinto	70,5	8,3	17,6	3,7
Santana de Cambas	81,6	3,3	14,0	1,1
Mértola	93,8	3,1	2,6	0,5
<i>Resto do concelho</i>	<i>92,8</i>	<i>3,9</i>	<i>3,2</i>	<i>0,1</i>

Nota: valores em percentagem do total de cada freguesia.

Fonte: Censo da População de 1890.

O terceiro traço permanente do povoamento mineiro de São Domingos respeita ao sobrepovoamento das habitações, tal como indicia o número de indivíduos por fogo. Esse sobrepovoamento afectava não apenas a aldeia da mina, onde a Mason & Barry construía casas da malta e casas para trabalhadores, como as aldeias vizinhas de Santana de Cambas e da Corte Pinto. Os próprios montes vizinhos (Moreanes, Picoitos, Salgueiros, etc.) encheram-se de trabalhadores. Em 1862 a aldeia da Corte Pinto destaca-se pelos 4,7 habitantes por fogo, uma densidade de ocupação que apenas se aproximava em duas freguesias rurais (São Sebastião dos Carros e Via Glória) pouco populosas. Dois anos depois, o valor mais alto é registado em Santana de Cambas que atinge perto dos 4,9 habitantes por fogo (figura 3). Até finais do século, as duas freguesias acusam os mais elevados índices de

ocupação, apresentando valores sempre superiores a 0.5 em relação à média das restantes freguesias. A este facto acresce a dimensão dos fogos, habitações que na generalidade dos casos não ultrapassavam duas ou três divisões acanhadas, alinhadas em renques térreos com uma só porta e sem janelas. A elevada concentração humana no espaço laboral corresponde igualmente à sobrelotação das habitações, responsável pela facilidade com que se disseminavam as doenças, como atestaram os inspetores encarregados de analisar os problemas de salubridade na mina em 1875.

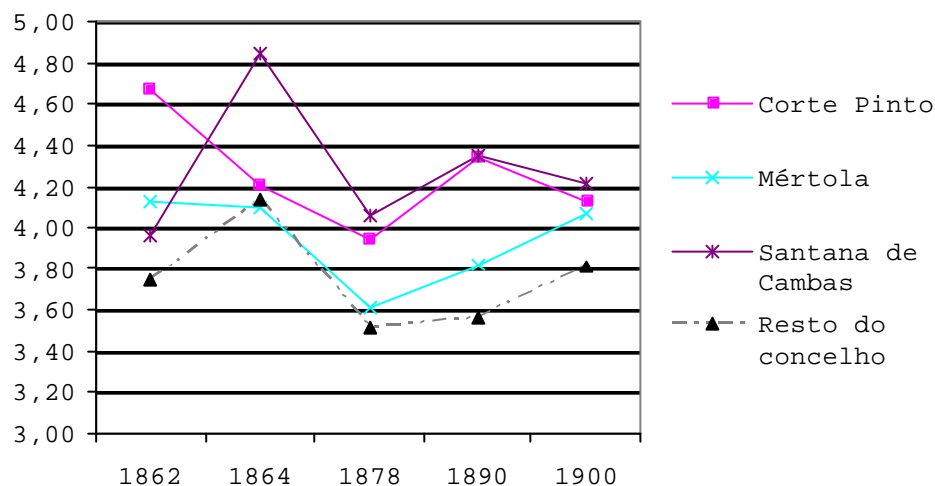


Figura 3. Número de habitantes por fogo nas freguesias de Corte Pinto, Santana de Cambas, Mértola e no resto do concelho (1862-1900).

Fonte: Censos da População.

O último traço genérico que importa referir nesta primeira aproximação ao movimento populacional nas duas freguesias directamente afectadas pela acção da Mason & Barry prende-se com a mobilidade mineira. A estimativa da diferença entre a população recenseada e a presumida a partir da soma dos saldos fisiológicos anuais entre censos permite identificar dois ciclos distintos: o primeiro, que se estendeu até meados da década de 1860, em que a região mineira recebeu diferentes vagas de emigrantes; o segundo, que teve início a partir de meados da

década seguinte, em que se iniciam movimentos no sentido inverso. Assim, entre 1864 e 1878, apesar de um incremento médio anual de 33 indivíduos, registamos 52 saídas. Esse número aumenta para os 263 até 1890, apesar dos censos registarem um aumento anual de 170 pessoas. Finalmente, entre 1890 e 1900, quando os censos acusam uma diminuição de 520 indivíduos, o número de saídas ultrapassou as 9 centenas (tabela 4).

Tabela 4. Movimento migratório nas freguesias da Corte Pinto e Santana de Cambas (1862-1900)

	Freguesias mineiras	Freguesias mineiras	1. Corte Pinto	2. Santana de Cambas	Freguesias mineiras
Anos	População presente	Variação média anual entre censos	Migrantes	Migrantes	Migrantes
1862	2528	-	-	-	-
1864	5002	1237	1	2642	2643
1878	5464	33	1624	-1676	-52
1890	7504	170	1026	-1289	-263
1900	6984	-52	-464	-445	-909

Fontes: Censos da População e Censo Paroquial de 1862; Arquivo Distrital de Beja - Paroquiais (Corte Pinto e Santana de Cambas), Óbitos e Baptizados (1860-1900).

3. Uma incursão pelo universo mineiro durante o primeiro ciclo de laboração (1858-1869)

Os registos paroquiais permitem-nos uma primeira aproximação ao universo social dos trabalhadores mineiros, pois fornecem-nos um conjunto de informações sobre laços constituídos através do parentesco, sua origem social e geográfica, ao mesmo tempo que situam socialmente os indivíduos através da profissão. Até 1860, a qualidade dos registos muito é baixa, sendo excepcional, por exemplo, a indicação da idade e da profissão dos defuntos. Como sucedia numa comunidade rural eram excepcionais as referências a naturais fora da região e estes diziam respeito muitas vezes a pessoas dos estratos superiores da sociedade. É significativo que a partir de então aumente o esforço no sentido de identificar os indivíduos. A partir daí, as ausências de

informação e as referências vagas traduzem frequentemente a existência de forasteiros sem quaisquer laços com a comunidade local em formação. De um trabalhador de Mora, residente em Ourique, falecido em 25 de Agosto de 1860 no porto do Pomarão, sem assistência religiosa, o pároco de Santana de Cambas apontou: "dizem ser casado". No caso dos espanhóis e outros imigrantes, é frequente não haver outras referências para além do apontamento: "ignora-se quem sejam seus pais e avós". O registo de um óbito ocorrido na mina no dia de Natal de 1860 serve de ilustração:

"... Cordas do Costenho, dizem ser casado, ignora-se quem seja mulher, hé de profissão Barreneiro, não se sabe donde hé natural nem quem sejam os pais assim como avós paternos e maternos".

Torna-se, no entanto, possível uma aproximação a partir dos restantes casos.

Uma análise das categorias sociais utilizadas pelo pároco indica-nos o grau de permeabilização da representação social face às categoriais existentes no meio mineiro. A primeira surpresa, ao agregarmos os 523 óbitos registados em Santana de Cambas entre 1858 e 1864, refere-se à quase inexistência de categorias laborais específicas do mundo mineiro: apenas 9 se referiram a barreneiros ou a filhos de barreneiros, sendo notável a inexistência de referências a mineiros, safreiros ou entivadores, por exemplo. Os indivíduos que laboravam nas minas, quando eram referenciados socialmente, apareciam como "trabalhadores", uma categoria que se distinguia dos jornaleiros e restantes ocupações rurais. No que respeita a outros grupos sócio-profissionais, não é fácil distinguir os que trabalhavam nas (ou para as) minas dos restantes. Muitos carreiros e almocreves continuaram a ser utilizados no transporte exterior do mineiro, mesmo depois do início da entrada em funcionamento do caminho-de-ferro que ligava a mina ao Pomarão, em 1863. Carpinteiros, ferreiros, abegãos e pedreiros encontravam ocupação na empresa. Para além do marítimo, o médico e o sacristão estiveram ligados ao estabelecimento. É, no entanto,

notável nesta amostra da paisagem humana como a mineração absorvia o universo rural e se misturava com ele².

Tabela 5. Grupos sócio-profissionais registados nos livros de assento dos óbitos na freguesia de Santana de Cambas (1858-1864)

Grupo sócio-profissional	Número	%
I. Rurais: Maiorais (5), seareiros (31), jornaleiros (11), pastores (2)	49	21,8
I. Trabalhadores (104) e barreneiros (9)	113	50,2
II. Trabalhadores de ofício e artesãos: alfaiate (5), oleiro (1), sapateiro (5), barbeiro (1)	11	4,9
II. Trabalhadores de ofício e artesãos: carpinteiro (1), ferreiro (4), abegão (3), marítimo (1), pedreiro	9	4,0
III. Comércio e transportes: tendeiro (1), taberneiro (1), mercador (1)	3	1,3
III. Comércio e transportes: carreiro (4), almocreve (15)	19	8,4
IV. Grupos intermédios e superiores: empregado na mina (3), lavrador (9), proprietário (1), médico (1)	13	5,8
IV. Outros: sacristão	2	0,9
Total	225	100,0

Nota: Os casos em que foi identificada a profissão do defunto ou do seu pai (no caso de se tratar de um menor) foi apenas de 225 (num total de 523).

Uma situação análoga transparece quando compulsamos as profissões dos pais nos registos de nascimento da freguesia da Corte Pinto nos anos 1860-1866, 1870, 1890 e 1900. A grande maioria dos indivíduos ligados à mina aparece simplesmente identificada como trabalhador. Foram raros os casos de profissões mineiras apontadas: 1 mineiro e 1 listeiro! Na verdade, na maioria dos casos não houve lugar ao registo de profissões.

A paisagem social que transparece nos registos de óbitos da freguesia de Santana de Cambas em 1875 e em 1890, embora mais

² Deve-se notar que a maior parte destes óbitos não ocorreram na povoação de São Domingos. O número de óbitos para a aldeia de Santana de Cambas (SC), Mina (M) e freguesia (F), entre 1860 e 1864 foram respectivamente: 1860: SC 20, M 10, F 67; 1861: SC 18, M 9, F 65; 1862: M 12, F 106; 1863: M 29, F 119; 1864: M 13, F 119. É certo, porém, que os valores para a mina sejam superiores já que na maior parte dos casos não houve indicação precisa do local do óbito.

diversificada, continua a revelar essa mistura entre o mundo rural e o industrial³. À margem dos registos ficaram sempre os ingleses que professavam outra religião e viviam num universo distinto.

Apesar das limitações evidenciadas nestas fontes é possível ter uma ideia mais precisa da mobilidade geográfica e do recrutamento na mina na primeira fase de laboração, indo além das afirmações dos observadores contemporâneos. O confronto entre a naturalidade dos pais das crianças baptizadas, por um lado, e a naturalidade dos defuntos constitui uma amostragem não aleatória do universo da população não inglesa que estacionou nas duas freguesias sujeitas imediatamente à acção da sociedade mineira. As informações colhidas na imprensa regional e pelos inspectores mineiros apresentam logo nos primeiros anos um cenário enorme onde fervilhava a actividade de milhares de pessoas. Até 1863, cerca de 1.500 cavalgaduras guiadas por almocreves, seareiros ou simples carreiros transportavam diariamente o minério até ao porto do Pomarão, enquanto outros trabalhadores construía o caminho-de-ferro mineiro numa extensão de 20 km e as infra-estruturas portuárias. O número de trabalhadores mineiros não ultrapassaria então as 4 centenas. Mas quando a primeira crise laboral estalou cinco anos após o início da laboração, devido à entrada em funcionamento do caminho-de-ferro, a imprensa anunciou a existência de 3 mil trabalhadores sem trabalho que reclamavam urgentemente a

³ Os 182 registos distribuía-se assim:

- Artesãos: alfaiates (4), barbeiros (1) sapateiros (8), tanoeiros (2), costureiras (3);

- Grupos e ocupações rurais: proprietário (1), lavradores (3), caseiros (9), ganadeiro (1), jornaleiros (2), maiorais (2), moleiros (4), seareiros (11);

- Comércio e transportes: almocreves (2), negociante (2)

- Grupos profissionais de recrutamento da empresa: trabalhadores (61); barreneiro (1), caldeireiro (1), ferreiro (1) guardas, soldados e polícias (5), maquinista (1), marítimo (1), pedreiro (2), empregado da mina (1)

- Serviços e outros: governante de casa (38), serviço doméstico (2), mendigos (6), outros (6).

Nesta altura a povoação mineira pertencia a Corte Pinto.

abertura das obras do Estado. A empresa distinguia então os trabalhadores "internos" dos "externos", até essa altura em maior número. A construção física da primitiva aldeia mineira prosseguiu até 1868, quando é inaugurado o Teatro, um ano depois da escola primária. Até essa data, a Mason & Barry tinha construído em torno da mina, casa de recreios, estalagem, habitações de 1ª e 2ª classe (para os técnicos e operários britânicos), habitações de operários, habitações de artistas, dois quartéis para jornaleiros, latrinas, barracas do mercado, um hospital, uma igreja e um cemitério. No porto do Pomarão havia, para além de um segundo palacete, casas de pilotos, habitações de empregados e operários. Depois do motim de 1865, a empresa passa a dispor de um quartel para o destacamento militar e, depois de 1870, casas para guardas da mina.

Os trabalhos de extracção que, no primeiro ano, tinham começado por retomar os trabalhos abandonados na época romana, conduziram à adopção do primeiro sistema de lavra pelo sistema de poços e galerias. A ustulação em telheiras completava o circuito do minério, à superfície, seguindo um sistema de trabalho em tudo idêntico ao utilizado nas minas do Huelva. Contudo, a partir de finais da década de 1860, a Mason & Barry decide passar a aproveitar toda a massa mineral, desenvolvendo a exploração a céu aberto, combinada com o velho sistema desenvolvido a maior profundidade. O aproveitamento dos minérios pobres conduziu à construção do estabelecimento "hidro-metalúrgico" na Achada do Gamo que arrancou em 1875. Assim, em 1869, começaram as demolições na primitiva aldeia mineira que se arrastaram nos anos seguintes, devido à abertura da córta. A adopção do novo sistema não só alteraria profundamente todo o campo mineiro, levando à construção de uma nova povoação, como iria recompor a paisagem social nas minas. O contraste entre o primitivo universo e o seguinte é expresso desta forma por um inspector de minas:

"As rixas e desordens, tão frequentes antigamente em São Domingos, eram consequência forçada da aglomeração numa charneca de uma povoação perfeitamente heterogénea, composta de indivíduos de todos os países, e muitos deles de conduta pouco

exemplar, a quem sobremodo convinha o trabalho subterrâneo na raia de duas nações.

Mais tarde, em 1870 e 1871, quando o operário alentejano já estava geralmente instruído no serviço mineiro, para que tem natural disposição, podendo a província fornecer braços suficientes para os trabalhos de São Domingos sem o concurso de forasteiros, a ordem pública na mina foi sendo cada vez menos alterada." (Sequeira-1883:212)

A formação de um operariado mineiro, constituído maioritariamente por alentejanos da região e algarvios teria sido, pois, um facto relevante neste processo. Apesar disso, esta população mantinha, como características de classe, a sua matriz nómada que se combinava com as constantes variações nas necessidades de mão-de-obra por parte do patronato mineiro.

"O mineiro, propriamente dito, desta região do sul do país tem uma tendência notável para ser nómada, e raras vezes se ajusta para trabalhar numa mina depois de ter sido empregado ali em duas empreitadas seguidas. (...) Há, como em todos os outros estabelecimentos mineiros do sul do país uma mudança constante de operários, que vão procurar fortuna melhor a outras minas, para depois voltarem dentro de um período mais ou menos longo, e satisfazerem assim o seu espírito aventureiro e irrequieto." (Sequeira-1883:246, grifos nossos).

Alguns indicadores captados a partir dos registos paroquiais dão-nos uma ideia desta mobilidade. Uma análise dos registos paroquiais da freguesia da Corte Pinto revela que, no período de 7 anos que vai de 1860 a 1866, menos de 10 % tiveram mais de 1 filho. Mesmo supondo que alguns casais registaram os filhos também em Santana de Cambas, continua a surpreender a elevada mobilidade do grupo⁴. A ideia de que a mina recebia gente de toda a parte é atestada pelo facto de, num total de 158 registos onde foram identificados a naturalidade do pai da criança, foram indicados 97 localidades diferentes. Estas podem, no entanto, ser agrupadas em 5 grandes áreas geográficas, onde se destacam 3 distintas regiões de recrutamento.

⁴Nesta amostra 113 crianças nasceram na mina e 54 na aldeia próxima da Corte Pinto.

O grupo mais importante veio de Espanha e, tudo o indica, estabeleceu-se na maior parte nos primitivos quartéis e casas destinadas pela empresa aos seus trabalhadores "internos". A maior parte veio das povoações vizinhas da mina, do lado de lá da fronteira, no Huelva, onde a mineração tinha raízes antigas e se encontrava desenvolvida. Paimogo contribuiu, nesta amostra, com 10 homens, Castellejo, com 9, o Alosno e a Puebla de Gusmán, 12. A lista de povoações do Sul de Espanha é extensa, encontrando-se gente de Granada, Gibraltar, Córdoba, Almeria, Valência e invoca, com frequência outras regiões mineiras. Encontramos igualmente gente de povoações da Galiza, das Astúrias (Caén), de Leão e de Saragoça. Esta relação nominal, aparentemente aleatória, aponta para trajectos comuns que se percebem quando consideramos o local de nascimento da esposa e o local de casamento, por via de regra regiões mineiras do sul de Espanha.

A segunda área de recrutamento diz respeito às populações alentejanas da margem esquerda do Guadiana situadas a norte da mina, às gentes de Santana de Cambas e da Corte Pinto e, finalmente, às populações das terras pobres da serra. A lista de povoações indica, no primeiro caso, a Amareleja (4 indivíduos), a Aldeia Nova de São Bento (3), Serpa (3), Sobral (3), Moura (2), Adiça (1), Brinches (1) e Ficalho (1). Da região serrana e das terras pobres do Campo de Ourique temos Almodôvar (4), Santa Clara-a-Nova (1), São Marcos da Ataboeira (2), Santa Bárbara dos Padrões (1), Monchique (1). Neste conjunto, a população originária do concelho é relativamente restrita. As aldeias da Corte Pinto e Santana de Cambas contribuíram apenas 8 homens, São João dos Caldeireiros, 2, a Alcaria Ruiva e Mértola, 2. O número de indivíduos originários do resto do Alentejo é relativamente pequeno, representando menos de 4 % da população de São Domingos.

O terceiro grupo, formado por algarvios, representa neste período 15,2 % dos homens casados e distribuiu-se por 15 povoações de zonas distintas: Alte, Ameixial, Cachopo, Castro Marim, Faro, Loulé, Portimão, Salir, Santo Aleixo, São Bartolomeu de Messines, São Brás, Tavira e Vila Real de Santo

António. O número de indivíduos originários de outras regiões portuguesas é bastante pequeno.

Tabela 6. Naturalidade dos pais das crianças baptizadas nascidas na mina de São Domingos e na aldeia da Corte Pinto (1860-1866), agrupadas por área geográfica de recrutamento.

Área geográfica	Número	%
Alentejo - região	44	27,8
Alentejo - outros locais	6	3,8
Algarve	24	15,2
Portugal - outros locais	11	7,0
Espanha	72	45,6
Não identificado	1	0,6
<i>Total</i>	<i>158</i>	<i>100,0</i>

Fonte: Arq. Distr. Beja - Paroquias / Corte Pinto - Baptizados (1860-1866).

Tabela 7. Naturalidade registada nos óbitos da freguesia de Santana de Cambas (1858-1864)

Área geográfica	Número	%
Espanha	57	13,2
Alentejo	342	79,0
Algarve	28	6,5
Orange	1	0,2
Portugal	5	1,2
Não refere	114	26,3
<i>Total</i>	<i>433</i>	<i>100,0</i>

Fonte: Arq. Distr. Beja / Paroquiais, Santana de Cambas - Óbitos (1858-1864)

A tentativa de identificação da proveniência dos primeiros trabalhadores mineiros a partir dos registos de nascimento deixa de fora, naturalmente, os solteiros, bem como a população flutuante. Ao incidir sobre os nascidos na mina, não considera ainda a gente da aldeia de Santana de Cambas. O confronto com a naturalidade dos defuntos (ou dos seus pais, no caso das crianças) de Santana de Cambas entre 1858 e 1864 permitiu-nos enriquecer aquela análise (tabela 7). Aqui os pesos das diferentes regiões identificadas encontram-se substancialmente modificados por duas ordens de razões, a saber: (1) em cerca de 26,3 % dos óbitos não foi indicada a naturalidade, (2) 33,5 % eram naturais da aldeia de Santana (no total de 50,8 % de

naturais da freguesia). Ou seja, uma parte importante da população desta amostra permanecia vinculada ao mundo rural. Apesar disso, continuamos a encontrar gente oriunda das regiões atrás referidas.

A análise da naturalidade dos pais das crianças nascidas na freguesia da Corte Pinto partir da década de 1870, indica que a população mineira se alterou substancialmente. O peso da população nascida nas aldeias do concelho aumentou significativamente, embora continue a ser importante a presença de algarvios e das gentes dos concelhos do Campo de Ourique. Em contrapartida, quase desapareceram os espanhóis bem como os indivíduos originários dos concelhos a Norte, de Serpa e de Moura.

2. As variáveis demográficas da população mineira (1860-1900)

Nas linhas anteriores mostrámos, como características principais da população mineira ao longo de Oitocentos, o desequilíbrio sexual, a flutuação da população estacionada na mina em função das necessidades produtivas da empresa e a sua mobilidade. Os registos paroquiais vieram mostrar que muitos dos migrantes faziam-se acompanhar de mulher e filhos. Ao contrário do que sucedia noutras minas portuguesas em actividade neste período (e.g. Mina do Braçal, no distrito de Aveiro), não surgiu aqui o camponês-mineiro. As terras da empresa, quando não eram exploradas directamente, foram arrendadas a 1/8 a lavradores da região. A permissão da empresa para os residentes cultivarem pequenas hortas parece ter tido lugar muito tarde e o seu valor alimentar, pequeno. A actividade como trabalhador da mina e noutras ocupações rurais de natureza sazonal eram frequentes. Por outro lado, a Mason & Barry não empregava mulheres. A disciplina imposta na aldeia mineira pela empresa contribuía para que muitos trabalhadores preferissem continuar a residir nas aldeias limítrofes. Os problemas sanitários, como veremos, reforçavam essa opção.

Este facto, bem como a posição peculiar do estabelecimento mineiro na linha de fronteira das duas freguesias, justifica a agregação dos valores relativos a Santana de Cambas e a Corte Pinto. A figura 4 representa a variação do número de nascimentos, casamentos e óbitos a partir de 1860. Nele se destacam, como momentos críticos, os anos de 1863 a 1864, 1870 a 1871, 1882 e 1890 nos quais o saldo fisiológico é negativo.

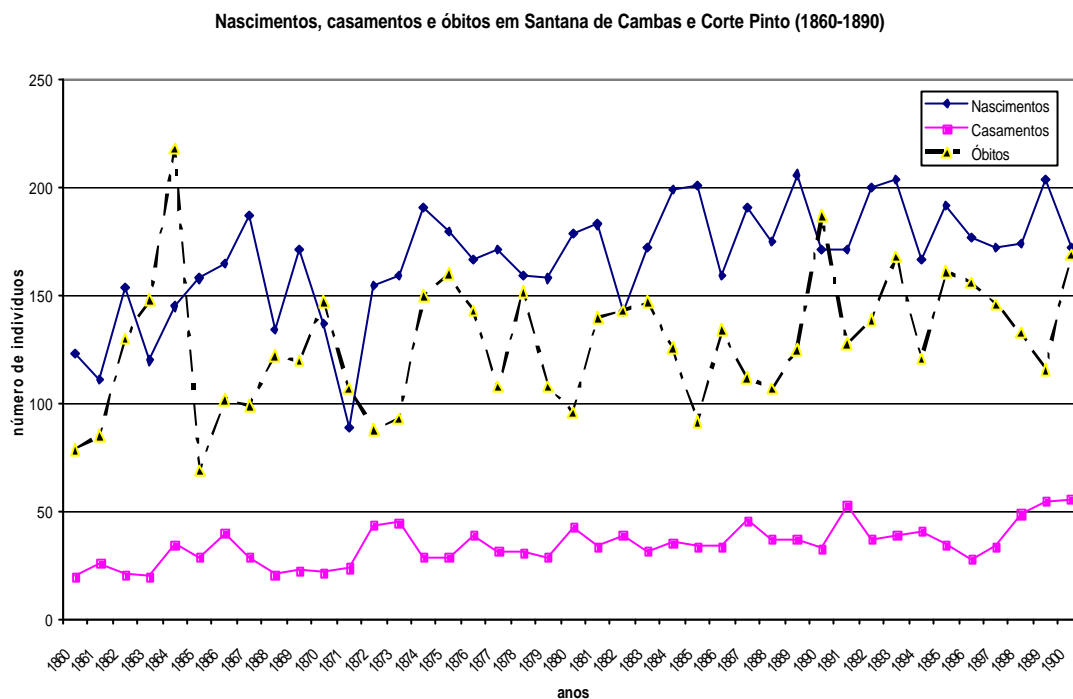


Figura 4. Nascimentos, casamentos e óbitos nas freguesias de Santana de Cambas e da Corte Pinto (1860-1900)

Fontes: Arq. Distr. Beja / Paroquiais

Aos anos críticos da primeira metade da década de 1860, seguiram-se 5 anos em que a população aumentou em mais de três centenas de almas e, após 1871, seguem-se 5 anos com elevados saldos positivos, repetidos 1879-1881, 1884-1885, 1888-1889, 1892 e 1899. A análise das principais variáveis demográficas deve, no entanto, considerar a população presente em cada ano, que pode ser estimada através dos censos. A tabela 8 mostra a nossa estimativa da evolução das taxas brutas de natalidade, nupcialidade e mortalidade nas duas freguesias mineiras, considerando a média nos decénios do período considerado. Nela sobressai o decénio de 1861-1870 pelos valores excepcionais que podem ser explicados pela subavaliação nos censos da população

estacionada na região. Do mesmo modo, a quebra registada nos valores de todas as variáveis do último decénio corresponde à corrente migratória desencadeada com a diminuição da produção mineira (v. *supra*).

Tabela 8. Evolução das taxas de natalidade, nupcialidade e mortalidade nas freguesias de Santana de Cambas e da Corte Pinto (1861-1900)

Médias	Natalidade	Nupcialidade	Mortalidade
1861-1870	39,5	7,2	35,9
1871-1880	29,6	6,4	22,2
1881-1890	30,2	6,1	21,8
1891-1900	24,0	5,6	18,9
Geral	31,3	6,4	24,9

Fontes: Arq. Distr. Beja / Paroquiais; Censos da População (cálculos nossos)

Apesar dessas ressalvas, o conjunto aponta, *grosso modo*, para uma diminuição gradual dos índices de mortalidade, nupcialidade e para uma estabilização da natalidade.

A desagregação das séries relativas à mortalidade nas duas freguesias, revela-nos um cenário que desafia o optimismo relativo ao progresso industrial. Como parte da política paternalista, a Mason & Barry garantia a todos os trabalhadores e seus familiares assistência médica gratuita. O médico da mina gastava duas horas a consultar quem quer que aparecesse e fazia depois visitas domiciliárias. O hospital estava também ao serviço dos operários e trabalhadores. Havia ainda um lazareto para o tratamento das doenças infecto-contagiosas. A presença do médico poderia sugerir a difusão de medidas higienistas junto duma população cuja taxa de analfabetismo ultrapassava os 70 % em 1877. A própria empresa tinha instituído o duche à saída do trabalho nessa década. Finalmente, as autoridades administrativas e a própria direcção estavam atentas aos surtos epidémicos. Seria, pois, de esperar uma quebra nos índices de mortalidade, o que teria porventura ocorrido se a sinistralidade tivesse diminuído e, sobretudo, o paludismo não fosse endémico.

A figura 5 revela o anormal comportamento da curva dos índices de mortalidade em São Domingos até 1877. O aumento dos índices de mortalidade até 1864 "corresponde" ao aumento da produção até perto das 200 mil toneladas anuais, o mesmo é

dizer, ao incremento do fluxo migratório que escapou ao censo de 1862. Mas a partir de então, parece ser a combinação entre a elevada sinistralidade e a mortalidade devida às febres palúdicas que foram responsáveis pelo aumento verificado até 1877 na mortalidade⁵.

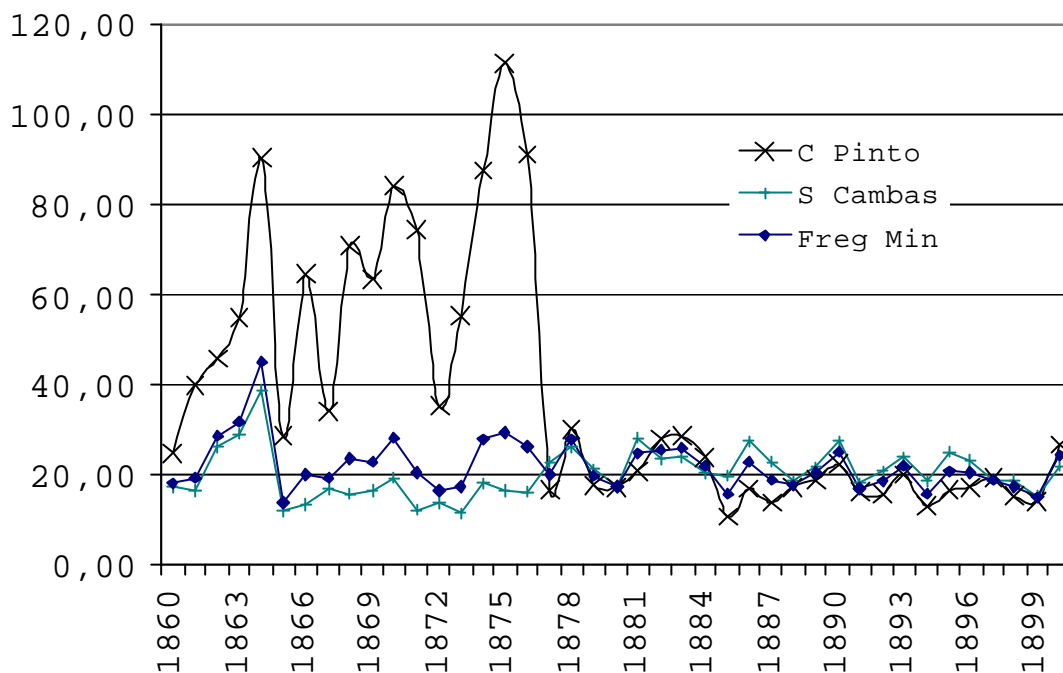
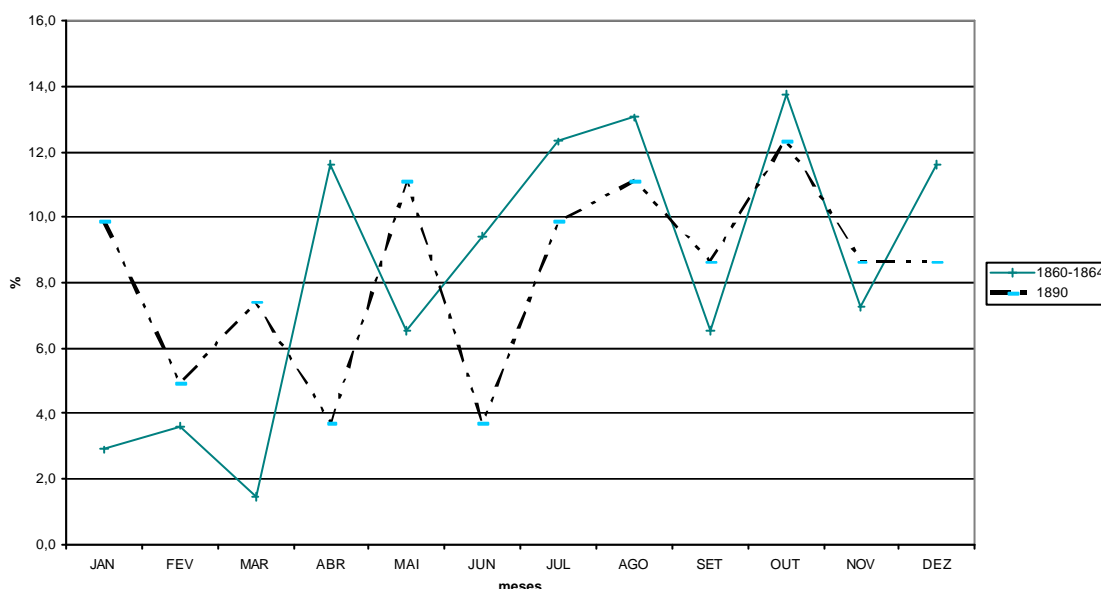


Figura 5. Evolução da mortalidade nas freguesias da Corte Pinto e Santana de Cambas (1860-1900)

O problema agravou-se com a adopção do novo sistema de lavra e de exploração. A existência de águas estagnadas numa região palúdica combinava-se agora com os acidentes na córta, bem mais graves e imprevisíveis do que aqueles que surgiam nos trabalhos subterrâneos. O estado reagiu muito tardiamente, quando os seus soldados começaram a morrer, sendo nomeada uma comissão nomeada por ministro em 24 de Novembro de 1875 para indagar das causas da mortalidade em São Domingos. Entre as causas apontadas para a mortandade, estavam as represas, os movimentos de terras operados pelos trabalhos mineiros e "uma tal ou qual acumulação

⁵ Os índices de mortalidade extremamente elevados registados na Corte Pinto não deve fazer-nos esquecer que estamos a lidar com uma freguesia com pouco mais de meio milhar de habitantes em 1864 e que, até ao censo de 1877, não incluía a mina de São Domingos. É por isso de admitir que muitos registos aqui incluídos fossem de residentes na mina. Assim, o cálculo realizado para as duas freguesias deve considerar-se mais adequado.

de habitantes nas casas dos operários, promovida por eles com fim económico" (226). De acordo com o estudo então realizado, a 86 % da população mineira que, entre 1869 e 1879, tinha sido, em média de 2.909 indivíduos, era atacada todos os anos por várias enfermidades. Embora ignoremos que tipos de doenças eram diagnosticadas, sabemos que 26 % eram atacados por *sezões*, as quais tinham sido directamente responsáveis por uma mortalidade média de 7,9 por mil. O cálculo fora no entanto efectuado apenas para a população adulta. Podemos avaliar a dimensão do problema por outro indicador. As contas da empresa mostram que as despesas da empresa com o serviço sanitário, avaliadas em 473,9 mil reis, só com o sulfato de quinino ascendiam a 198,9 mil réis sendo o valor dos restantes medicamentos 251,9 mil réis (quadro 4, pág. 237).



Varição mensal da mortalidade na Corte Pinto

A distribuição mensal dos óbitos na freguesia em 1850-1864 e em 1890 mostra que eram os meses chuvosos de Outubro, de Abril e Maio, bem como os meses quentes de verão os que apresentam maior mortandade. Não estranhemos, por isso, que, quando a Comissão do Inquérito Industrial de 1881 visitou a mina, em Outubro, o maior graduado ao serviço presente fosse o chefe geral das máquinas.

No entanto, as condições de salubridade da mina melhoraram depois de 1876, altura em que a empresa avançou na plantação de

eucaliptos ao mesmo tempo que permitiu que os empregados superiores se mudassem para as aldeias vizinhas de Santana de Cambas, Pomarão e Salgueiros. Contudo, só a partir da década de 1880 os índices de mortalidade na Corte Pinto começaram a apresentar-se inferiores a Santana de Cambas.

A análise da incidência da mortalidade por grupos etários aponta para uma evolução qualitativa a partir da década de 1870. O confronto dos dados apurados para os anos 1858-1864, 1875 e 1890 para a freguesia de Santana de Cambas, mostra que a mortalidade das crianças com menos de um mês diminuiu. Essa diminuição corresponde ao aumento dos óbitos nas crianças com mais de um mês e menos de um ano em 1875 e 1890. A diminuição maior dá-se então na mortalidade das crianças entre 1 a 3 anos. Os dados apurados parecem apontar para uma tendência para a diminuição dos óbitos até ao grupo dos 9 anos. Em contrapartida, aumenta significativamente a mortalidade nos adultos a partir dos 40 anos. O gráfico 6 revela ainda uma constante nos 3 momentos: a elevada mortandade no grupo situado entre os 20 e os 30 anos, facto que não pode deixar de se relacionar com as difíceis condições do trabalho mineiro.

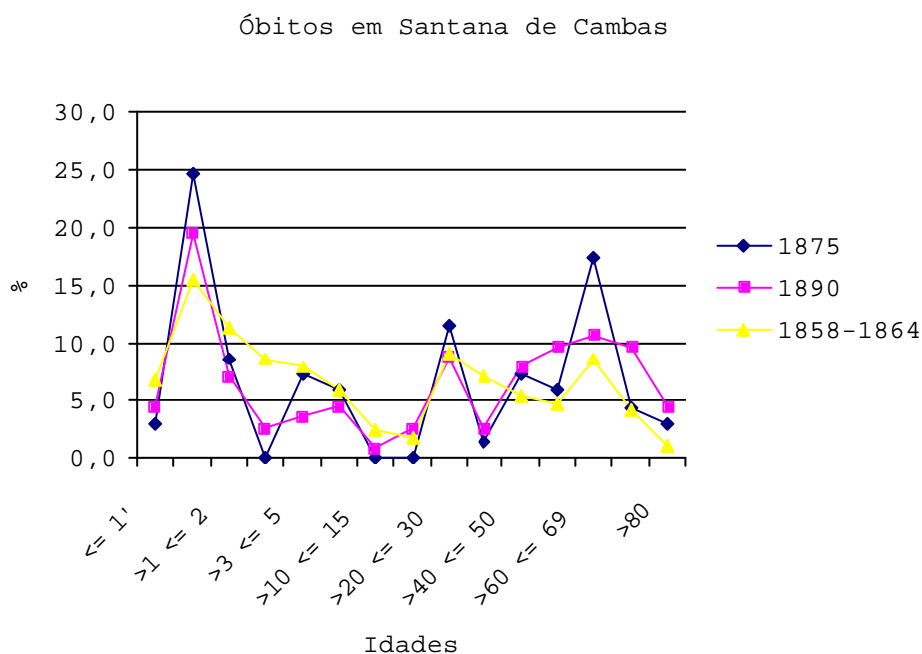


Figura 6. Mortalidade na freguesia de Santana de Cambas distribuída por grupos etários (1858-1864, 1875 e 1890).

Fontes: Arq. Distr. Beja - Paroquiais / Mértola - Santana da Cambas Óbitos.

Óbitos na Corte Pinto

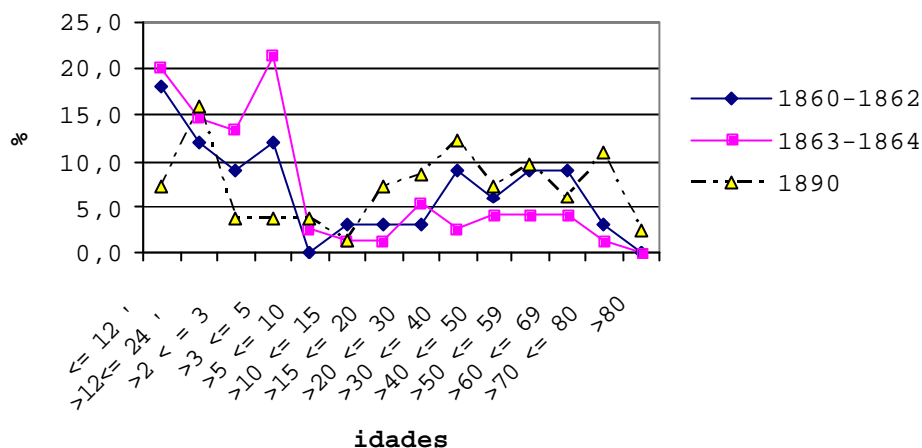


Figura 7. Mortalidade na freguesia de Corte Pinto distribuída por grupos etários (1860-1864 e 1890).

Fontes: Arq. Distr. Beja – Paroquiais / Mértola – Santana da Cambas Óbitos.

Uma análise idêntica para freguesia da Corte Pinto apresenta uma evolução idêntica nos traços essenciais apontados neste universo mineiro. À medida que avançamos no século XIX registamos em Corte Pinto: 1. uma acentuada diminuição na mortalidade das crianças com menos de 1 ano e com mais de 2 anos e menos de 5; 2. o aumento da mortalidade do grupo a partir dos 15 anos que se estende até aos 40 anos; 3. finalmente, há mais gente a morrer mais tarde. Enfim, também neste caso encontramos como marca do trabalho mineiro um pico de mortalidade no grupo dos 30-40 anos.

Creemos que uma análise exhaustiva e cronologicamente mais alargada virá confirmar estas tendências.

A nossa última nota, para concluir a caracterização demográfica desta população, prende-se com o acentuar do seu carácter proletário. À medida que avançamos no século, o número de crianças por cada cem mulheres presentes, em idade fértil (15-45 anos), tende a aumentar de forma significativa. A nossa série, construída para as duas freguesias, mostra que, de uma

média anual inferior a 15 nascimentos por cada 1000 mulheres férteis na década de 1869 se atinge perto das 20 duas décadas depois. Não é claro que esse aumento fique a dever-se a uma diminuição substancial na idade média do primeiro casamento da mulher. Os elementos recolhidos não sustentam essa hipótese. No entanto, o número de filhos "naturais" era elevado entre esta população: 16,8 % do total dos filhos nascidos em São Domingos, pelo menos⁶.

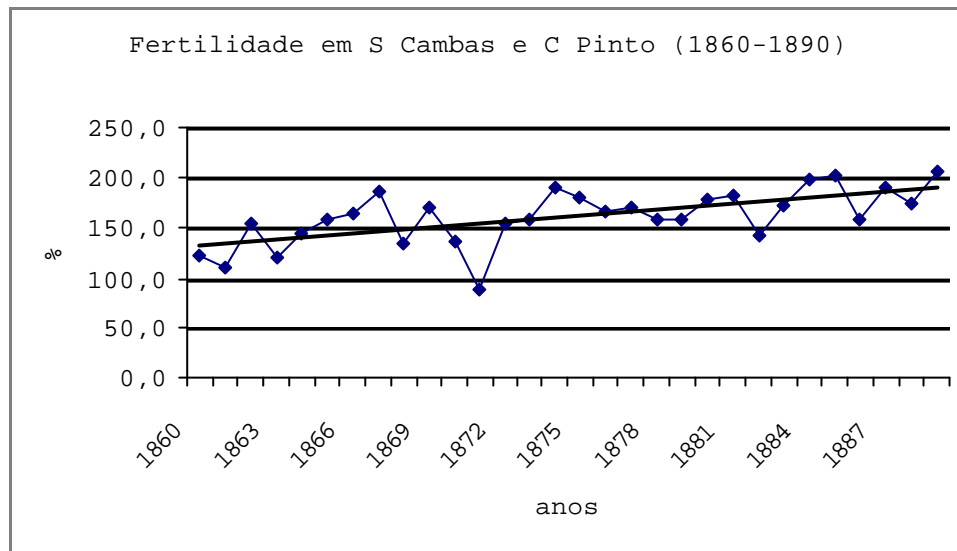


Figura 8.

Setúbal, 28 de Fevereiro de 2004

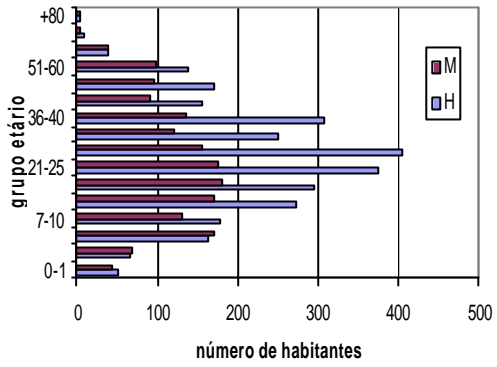
⁶ Cálculo efectuado para Santana de Cambas (1860-1864) sobre os casos declarados. O pároco foi omisso em 11,8 % dos casos. Assim, o peso dos nascimentos ilegítimos poderá ser ainda superior.

Fontes e referências bibliográficas

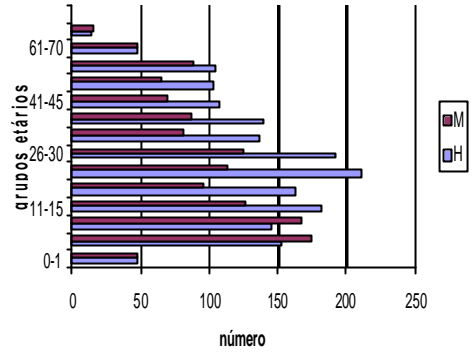
- Alves, Helena (1997) - *Mina de São Domingos: Génese, formação social e identidade mineira.* - Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. - 204 pp.
- CABRAL, J.A.C. das Neves (1864) - *Relatório sobre a Exposição Universal de Londres de 1862. Estudos Geológicos, Minerais Úteis e Suas Aplicações, Metalurgia e Lavra de Minas*, Lisboa, Imp.Nac., 304 pp.
- CASTRO, Ferreira de (1986) - «História da Velha Mina», *Diário do Alentejo*, Beja, 14.Mar.1986.
- CUSTÓDIO, Jorge (1996a) - "Sistemas de lavra na mina de São Domingos (1854-1966)", *Mineração no Baixo Alentejo*, Castro Verde, Câmara Municipal, pp. 174-184.
- CUSTÓDIO, Jorge (1996b) - "James Mason e a construção da imagem da mina de São Domingos", *Mineração no Baixo Alentejo*, Castro Verde, Câmara Municipal, pp. 198-229
- GARCIA, João Carlos (1988) - «Portuguese copper and the sea trade in the Western Mediterranean from 1895 to 1909», *Rev. da Fac. Letras da Univ. do Porto*, Porto, I, IV, 1988, pp.291-299.
- GARCIA, João Carlos (1996) - *A Navegação no Baixo Guadiana durante o Ciclo do Minério (1857-1917).* - Porto: Dissertação de doutoramento. - 1.200 pp.
- GIÃO, António (1923) - *A Mina de S.Domingos. Notas de uma excursão*, Reguengos, 1923.
- GIL VARÓN, Luis (1984) - «Migracion Portuguesa a las minas de Rio Tinto», *III Coloquio Ibérico de Geografia*, Barcelona, Universidade, pp. 322-329.
- GUIMARÃES, Paulo (1989) - *Indústria, Mineiros e Sindicatos: universos operários do Baixo Alentejo dos finais do século XIX à primeira metade do século XX*, Lisboa, I.C.S., 1989, 113 pp.
- GUIMARÃES, Paulo Eduardo (1996) - "O Alentejo e o Desenvolvimento Mineiro durante a Regeneração", *Mineração no Baixo Alentejo*, Castro Verde, Câmara Municipal, pp.114-129
- GUIMARÃES, Paulo Eduardo (1999) - «As minas portuguesas do Antigo Regime ao Liberalismo», *Arqueologia & Indústria* 2/3, pp. 53-80.
- GUIMARÃES, Paulo Eduardo (2001) - *Indústria e Conflito no Meio Rural Os mineiros alentejanos (1858-1938)*, Évora: Cidehus / Colibri. - 306 pp.

- GUIMARÃES, Paulo Eduardo(2002) - "Comunidad, clase y cultura en los trabajadores mineros del Sur de Portugal", *Politica y Sociedad*, Vol 39, Num. 2 pp. 457-479.
- LEITÃO, João Maria (1861) - «Relatório sobre a mina de São Domingos» , *Bol. Min. Obr. Publ. Com. Ind.*, XI (1861), 398 e XII, 521.
- MONTEIRO, Severiano; BARATA, João Augusto (1889) - *Exposição Nacional das Indústrias Fabris. Catálogo Descritivo da Secção de Minas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 494 pp.
- PORTUGAL. COMISSÃO CENTRAL DIRECTORA DO INQUÉRITO INDUSTRIAL REPARTIÇÃO DE ESTATÍSTICA (1882) - *Inquérito Industrial de 1881*. - Lisboa: Imprensa Nacional.
- PORTUGAL. I.N.E. (1964) - *X Recenseamento Geral da População no Continente e Ilhas adjacentes (1960) Tomo I. Prédios e fogos; População - dados retrospectivos (distritos concelhos e freguesias)*. - Lisboa: Imprensa Nacional.
- PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria Direcção Geral de Estatística e Comércio. Repartição de Estatística Geral (1896) - *Censo da População do Reino de Portugal no 1º de Dezembro de 1890. Vol. I*. - Lisboa: Imprensa Nacional, 336 pp.
- PORTUGAL. Ministério dos Negócios da Fazenda. Direcção Geral da Estatística e Próprios Nacionais (1905) - *Censo da População do Reino de Portugal no 1º de Dezembro de 1900. Vol. I.*, Lisboa: Imprensa Nacional. - 342 pp.
- PORTUGAL.MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, COMMERCIO E INDÚSTRIA DIRECÇÃO GERAL DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA (1891) - *Inquérito Industrial de 1890. I. Indústrias Extractivas. Minas e Pedreiras* - Lisboa: Imprensa Nacional.
- SEQUEIRA, Pedro Victor da Costa (1883) - «Notícia sobre o estabelecimento mineiro de S. Domingos», *Revista de Obras Públicas e Minas*, t. XIV, 163-164 e 167-168.

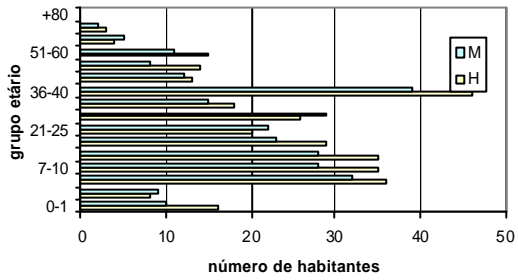
Santana de Cambas 1864



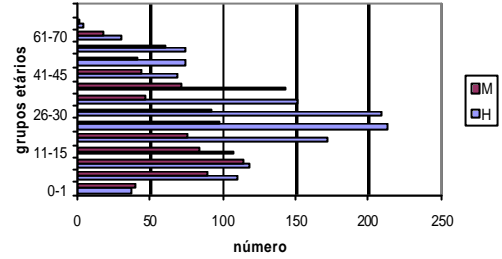
Santana de Cambas 1878



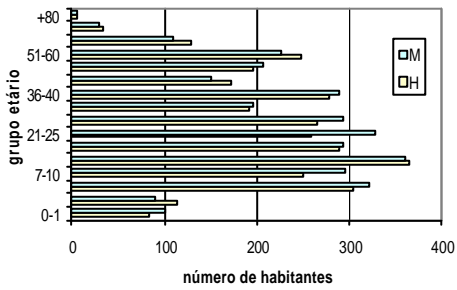
Corte Pinto 1864



Corte Pinto 1878



Concelho 1864



Concelho 1878

